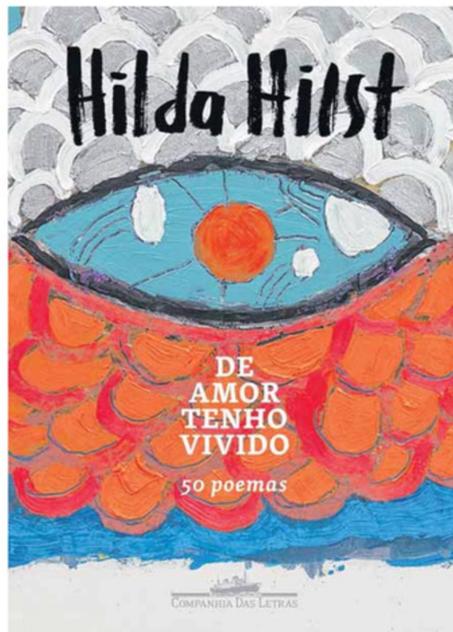




Em alta

Sua obra está traduzida em inglês, francês, espanhol, basco, alemão, italiano, norueguês e japonês

Hilda Hilst na contramão das correntes literárias



Ilustrado pela artista Ana Prata, neste livro, o leitor pode conhecer a faceta da autora dedicada ao amor

Depois da morte da autora, aumentou o número de artigos, periódicos, entrevistas e trabalhos acadêmicos sobre ela



Hilda fazia uma obra considerada difícil para o leitor e era publicada por uma editora de livros de arte

ANA FLÁVIA CORRÊA
ESPECIAL PARA O VIDA

Homenageada na 16ª Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), a escritora paulista Hilda Hilst (1930-2004) finalmente atinge o ápice de sua fama. Existem pesquisas que relatam que depois de sua morte, em 2004, cresceu o número de artigos, periódicos, entrevistas e trabalhos acadêmicos sobre a autora.

Segundo o pesquisador Cristiano Diniz, da **Unicamp**, em seu *Fortuna Crítica* de Hilda Hilst, até 2001 as referências acadêmicas à escritora se limitavam à duas, no máximo, enquanto que depois de 2004 os artigos nunca ficaram abaixo de 17.

No ano passado, ainda, a editora Companhia das Letras começou a reeditar as obras da escritora em volumes especiais. Até agora já foram lançados *Da Poesia* (2017), que reúne 25 livros em um só volume, *Júbilo, Memória, Noviciado da Paixão* (2018), publicado originalmente em 1974, *Da Prosa* (2018), que reúne todos os títulos ficcionais de Hilst, e finalmente *De Amor Tenho Vivido* (2018), uma coletânea com 50 poemas.

Aconteceu com Hilda o que aconteceu com Lima Barreto, a incompreensão de sua época. Ela fez uma obra na contramão das correntes literárias em voga e teve o momento em que ela foi morar, aos 36 anos, na Casa do Sol (em Campinas), quando parou de circular no meio literário. Ela fazia uma obra considerada difícil para o leitor e era publicada por uma editora de livros de arte, que fazia edições pequenas que não circulavam muito, avalia a curadora da Flip, Joselia Aguiar.

Em *De Amor Tenho Vivido*,

ilustrado pela artista Ana Prata, o leitor pode conhecer a faceta da autora dedicada ao amor. De seu primeiro livro de poesia, de 1950, até o último, em 1995, o amor atravessa toda a sua obra em múltiplas formas: a entrega ao amado, o desejo ardente, a expectativa pelo encontro, o medo da despedida.

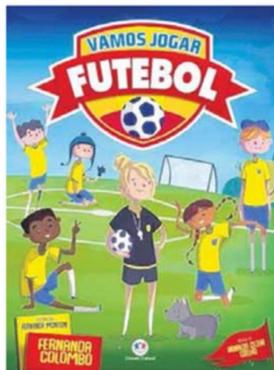
Hilst se interessava pela literatura desde a infância, mas estreou aos vinte anos, com *Presságio*. Desde então escreveu poesia, ficção, teatro e crônicas a cerca de temas como amor, sexo, morte, Deus, finitude das coisas e transcendência da alma.

De Jaú, no interior de São Paulo, a escritora era filha do casal Bedecilda Vaz Cardoso e Apolônio de Almeida Prado Hilst, cafeicultor filho de imigrantes da Alsácia-Lorena. Mesmo depois de seu primeiro livro, Hilst se formou em direito pela Universidade de São Paulo.

Segundo ela, após a leitura do livro *Carta a El Greco*, de NikosKazantzákis, sentiu vontade de abandonar a advocacia para se dedicar integralmente à escrita, o que a fez querer morar perto da natureza. Em 1966, passou a residir em uma chácara que construiu em Campinas, denominada Casa do Sol, onde criou um espaço de estudos e criação artística.

Recebeu prêmios como o Jabuti, o APCA, o Pen Clube São Paulo, o Cassiano Ricardo e está traduzida para o inglês, francês, espanhol, basco, alemão, italiano, norueguês e japonês. Grande parte de seus livros foi publicada pelo célebre editor artesanal Massao Ohno em volumes feitos com apuro estético, mas de reduzida circulação. Após sua morte, a Globo Livros lançou toda a sua obra sob os cuidados do crítico Alcir Pécora.

Tirando da Estante



Vamos jogar futebol ensina as regras do esporte de maneira lúdica e divertida, além de ser uma obra que explora o potencial educativo da prática, como liderança, trabalho em equipe, coletividade, etc. Com instruções claras, o livro aborda os aspectos de cada regra de um jeito divertido. A apresentação do campo, do que é feita a bola, os equipamentos utilizados na partida, a função do árbitro, o que é uma falta, um impedimento, são alguns dos assuntos abordados. "No livro está presente a essência da regra. Com certeza, quem não entende de futebol, vai conseguir compreender", diz a autora.

Vamos Jogar Futebol
Fernanda Colombo - Ciranda Cultural

Autor dos best-sellers *Autoengano* e *O valor do amanhã*, o economista Eduardo Giannetti explora com agudeza e precisão temas como identidade, cultura e história econômica nesta coleção de 25 ensaios. É possível virar do avesso o "complexo de vira-latas" — a expressão cunhada por Nelson Rodrigues para a subalternidade dos brasileiros em relação ao que é estrangeiro — e reinventá-lo não apenas como componente identitário, mas também como virtude tropical? No ensaio inédito que dá nome ao livro, Eduardo Giannetti vai na contramão do senso comum e defende que "não ter pedigree" é um caminho civilizatório tão válido quanto os trilhos por sociedades tidas como exemplos de desenvolvimento.

O Elogio do Vira-Lata e Outros Ensaios
Eduardo Giannetti - Companhia das Letras



Um guia didático e revelador sobre o processo eleitoral brasileiro, as carências e desigualdades do país e o que as urnas nos reservam. A partir da análise de mapas comparativos inéditos sobre o comportamento eleitoral do brasileiro nos últimos 12 anos, o cientista político Alberto Carlos Almeida destrincha as últimas três eleições presidenciais no Brasil e projeta um possível cenário para as eleições presidenciais de 2018. Do ponto de vista do comportamento eleitoral, as eleições presidenciais brasileiras são bem estruturadas e previsíveis, e em nada devem às eleições nacionais dos países que consideramos exemplo de desenvolvimento.

O Voto do Brasileiro
Alberto Carlos Almeida - Editora Record

